

Rui Barbosa, estampou na primeira página de sua edição de 18 de dezembro de 1899 o seguinte telegrama:

“Ceará, 17 — Conselheiro Rui Barbosa, Rio — Acabo de receber ordem de prisão, por 25 dias, do comandante da guarnição, unicamente por ter escrito um artigo, capitulado de propaganda monarquista. Foi o artigo escrito em comemoração do aniversário do falecimento do Imperador. Escrevi-o na qualidade de lente paisano da Escola Militar. Espero me defenda contra a prepotência. Tomás Pompeu.” (9)

O referido telegrama forneceu assunto para um artigo candente de Rui Barbosa, intitulado MENOS ZÊLO, em que reprova com veemência aquêlê abuso do poder e requer em seguida habeas-corpus em favor de Tomás Pompeu, ordem que foi concedida mesmo contra os votos de alguns ministros, como Manuel Murtinho, João Barbalho e Américo Lôbo. (10)

Era dessa enfiatura moral, dessa fidelidade às suas convicções e idéias o Patrono da cadeira 35, e nesta hora em que nela me emposso rendo-me ao fascínio que, a despeito de tantos anos decorridos, ainda hoje deslumbra aquêles que tomam conhecimento da sua grande vida ou se abeberam na sua obra opulenta.

Não quero chegar ao término dessa solenidade sem pedir-vos que me deixeis repartir com alguém aqui presente as galas desta noite. Pelo estímulo e incentivo que há dado, no Ceará, durante todos êstes anos, a todos os que cultivam as belas letras, ela bem merece o nosso reconhecimento público, a nossa gratidão. A ela, pois, a Henriqueta Galeno, entrego com efusão d'alma os loiros desta conquista.

Academia Francesa

CÉLIO MEIRA

Um dia, em 1873, Raimundo Antônio da Rocha Lima, fascinado pelas idéias liberais da “Escola do Recife”, fundou uma academia, na cidade de Fortaleza. Não lhe dera o título prosaico e bolorento de Academia do Ceará. Se assim o fizesse, teria incorrido, automaticamente, no êrro dos homens do pas-

sado. O sodalício deveria ter, para espantar a burguesia, nome pomposo, retumbante, que lembrasse, sempre, às novas gerações, e ao Brasil caboclo e inculto, civilização milenária. A associação lítero-filosófica dos rapazes cearenses recebera, por êsse motivo, o nome de *Academia Francesa*, à hora solene do batismo.

Rocha Lima, rapaz de 18 anos, “era, recorda o padre Misael Gomes da Silva, acadêmico e historiador, o mais jovem de todo o grupo e dos mais interessados pelas doutrinas de Spencer, de Darwin e Taine”. Espírito agnóstico, irrequieto e rebelde, demolidor de ídolos — sempre os houve, e os haverá em todos os tempos — congregara, no cenáculo, figuras de relevo de sua alvoreçada geração. Sentaram-se, na sua companhia, entre outros, Xilderico Araripe de Faria, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, Araripe Júnior e Capistrano de Abreu.

“O trepidante grupo que de 1872 a 1875 — assinala Raimundo Girão, acadêmico, ensaísta e historiador — utilizava as *idéias livres*, arremessando-as contra o romantismo acomodado, pondo em espanto e inquietação o tradicionalismo provinciano que ainda ignorava ou fingia ignorar o tumulto que o Recife saía aos *quatro ventos*, nos mais desenvoltos raciocínios sobre postulados do comtismo, do criticismo kantiano, do racionalismo de Leibnitz, do transformismo de Darwin e do evolucionismo de Spencer”. A Academia de Rocha Lima era reduto de semeadores atrevidos daquelas idéias, que anunciavam a “morte da metafísica”. Assim, também, gritara Sílvio Romero, defendendo tese, na Faculdade de Direito do Recife.

Vida efêmera, embora dinâmica e gloriosa, tivera a Academia Francesa do Ceará. Rápida, apressada e intranquilha fôra, também, a existência de Rocha Lima. Adormeceu, aos 23 anos, no sono misterioso da morte. Xilderico, dois anos antes, moço, na casa dos 25, se despedira do mundo, mergulhando, trágicamente, nas águas do oceano. Tomás Pompeu, Araripe Júnior e Capistrano, milionários de sabedoria, chegaram aos caminhos da velhice.

A semente da Academia Francesa, de Rocha Lima, não morreu, na terra semiárida do Nordeste. Germinara, dezenove anos depois, em agosto de 1894, na mesma cidade de Fortaleza, “loura desposada do sol”, no verso de Paula Nei. Outros homens — entre êles, Alvaro de Alencar, Justiniano de Serpa, Guilherme Studart, Antônio Fontenelle e Farias Brito — fundaram a Academia Cearense, transformada em Academia Cea-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

rense de Letras, que, agora, beirando a casa dos 70, vai marchando no fastígio e ao sol da glória.

(*"Jornal do Commercio"*, Recife, 19-7-960).

N O T A S

- 1 — "A Couvada — A Tomada do Crato — Egastenia" — C. Livino de Carvalho — Gráfica Editora do Recife S/A — Pernambuco — 1959.
- 2 — "Tribunal de Apelação do Ceará" — Eusébio de Sousa — Asa Artes Gráficas S.A., Rio — 1945 — Pág. 213.
- 3 — "Porque o filho não escreve a biografia do pai" — Dr. José Pompeu de Sousa Brasil — Rio — 1954 (Inédito) Pág. 11.
- 4 — "Porque o filho não escreve a biografia do pai" — Idem — Pág. 12.
- 5 — "Homens do Ceará — Biografia de Tomás Pompeu por Farias Brito — Revista da Academia Cearense — Fortaleza — 1896 — Pág. 132.
- 6 — "Porque o filho não escreve a biografia do pai" — Idem — Págs. 17/18.
- 7 — "Porque o filho não escreve a biografia do pai" — Idem — Págs. 9/10.
- 8 — "Porque o filho não escreve a biografia do pai" — Idem — Págs. 6/7.
- 9 — "A Imprensa" — Redator-chefe Rui Barbosa — Ano II — Rio de Janeiro — 2ª feira, 18 de dezembro de 1899 — N. 438 — Da página 1ª, coluna 2ª.
- 10 — "A Imprensa" — Rio de Janeiro — 3ª feira, 19 de dezembro de 1899. N. 439 — Da página 1a., coluna 1a.

N o v a D i r e t o r i a

Em animado pleito, realizado no mês de dezembro do corrente ano, foi eleita a nova diretoria da Academia Cearense de Letras, para o biênio 1961-1962, a qual tem a seguinte composição:

Presidente — Renato Braga.
1º Vice-Presidente — Otávio Lôbo.
2º Vice-Presidente — Cruz Filho.
Secretário-Geral — José Valdivino de Carvalho.
1º Secretário — Carlyle Martins.
2º Secretário — Cândida Galeno.
Tesoureiro — Luís Sucupira.
Diretor de Publicidade — Andrade Furtado.
Diretor da Biblioteca — Natanael Cortez.
Oradores: Padre Misael Gomes e Carlos Studart Filho.